

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 25 – Agosto, 2015

ASSÉDIO MORAL

Ierecê Barbosa¹

Minha amiga estava jururu e perguntou se eu tinha um tempinho para ela. Falei que sim e fomos até a Ponta Negra. Terapia durante a caminhada é bem melhor que no divã. Assim, com passos coordenados ela foi falando de suas angústias.

Casada com um homem extremamente crítico em relação ao seu modo de ser e que aproveitava todas as oportunidades para criticá-la em público, justamente quando é mais difícil, não impossível, responder a altura. Esses toques desestabilizadores estavam cada vez mais frequentes. Coisas bobas, às vezes colocadas como piadas, mas que diminuía minha amiga frente aos parentes e amigos. Críticas as músicas que ela ouve, aos programas de TV, as compras que faz, os cremes de beleza que segundo ele não escondem a feiura dela, etc.

O foco é sempre o mesmo: causar constrangimento e diminuí-la cada vez mais. Porém, sempre gracejando como se fosse brincadeira. Ocorre que ele não “brinca”, segundo ela, assim com as irmãs e nem com a filha dele. Quando ela reclama, ele ataca alegando falta de senso de humor e ainda arremata dizendo que qualquer dia não haverá mais possibilidade de diálogo entre eles, pois ela se aborrece à toa. Quando alguém a elogia ele se torna mais crítico, sempre ironizando, gracejando e pisando nela mais e mais.

Observei pelo relato que não havia uma briga feia, e nem uma conciliação. Tratava-se de um conflito disfarçado, só revelado pela fria hostilidade em tons baixo e que ele, quando acusado, negava na maior calma e deboche.

Percebi que tínhamos alterado o ritmo da caminhada. Não sei se fui eu ou ela quem primeiro acelerou o passo. Perguntei então pelo quantitativo do lado cama e a resposta era a que eu já esperava: zero.

Para mim estava claro: o marido de minha amiga tinha outra, queria sair da relação, mas optou em transferir para ela o ônus da separação, transformando-a, perante a família, na responsável pelo fracasso do casamento.

Um caso típico de assédio moral, de tortura psicológica, de violência perversa vivenciada cotidianamente e que poucos ao redor percebem. Ficou evidente, pelo relato, que ele carrega uma pulsão de morte destruidora e para livrar-se dela praticou a agressão deslocada e minha amiga serviu de “bode expiatório”. Um perverso precisa disso, para que haja amor há necessidade da existência de ódio e neste caso, o amor ficou para a outra e o ódio para minha amiga. Freud explica. Aliás, muito bem!

Paramos para tomar água de coco e eu pensava na situação relatada e no que estava ainda por vir, pois pessoas perversas não deixam o ódio sem foco, certamente a separação seria litigiosa aos extremos e ele faria questão de centavos.

¹ Doutora em Educação, Jornalista, Psicanalista Clínica e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGEEC/ ENS/ UEA. Email: ierecebarbosa@yahoo.com.br

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 25 – Agosto, 2015

Fiz então a pergunta clássica: como você se sente diante da situação limite? A resposta também não foi surpresa. Ela estava péssima, sentia-se culpada. O assédio moral quando não percebido e eliminado logo no início acaba com qualquer pessoa, a recuperação é lenta e necessita de apoio externo, pois a vítima fica tão vulnerável e com tanta baixa estima que ainda assume toda a culpa da problemática.

Continuamos a caminhada e ela falava e falava e falava e eu precisava não interromper, era o melhor a fazer naquele momento, deixar que ela jogasse tudo para fora. O discurso era repetitivo, já ouvir muitas vezes tais queixas de outras pessoas, que confesso que aqui e ali eu desligava e pensava que o assédio moral não está só nos lares, é muito presente nas empresas privadas e instituições públicas, principalmente quando os dirigentes querem enxugar o quadro sem pagar os direitos dos funcionários, então criam vários mecanismos perversos para forçar o funcionário a pedir demissão. O pior é percebermos como certas pessoas se empolgam com determinados cargos e fazem a mediação, transformando-se em agentes assediadores. Mas só o faz quem deseja o poder, quem precisa se afirmar como chefe ou tem problemas pessoais com os funcionários. Aí começa a perseguição e a violência, manifestadas por atos e palavras, e por mais estereotipados que sejam, o estrago psicológico é grande.

Terminamos a caminhada, notei que minha amiga estava mais calma. Eu quase não falei nada, mas ela agradeceu tanto que tive que reconhecer que ajudei sim, pois cedi um tempo que poderia ser dedicado a outra coisa para ouvi-la e na maioria das vezes a gente só precisa disso, de alguém que nos ouça, pois já temos dentro de nós todas as respostas para nossas angústias existenciais, é preciso apenas limpar a área para que as medidas saneadoras surjam magnânimas.

No dia seguinte ela me ligou: “amiga, é para agradecer, vou seguir os seus conselhos, foi muito bom conversar com você!”. Não dei nenhum conselho, mas ao ouvi-la fiquei com o ônus e o bônus das decisões que eram exclusivamente dela. Cabe torcer para que sejam as mais acertadas possíveis, pois algumas perdas são percebidas, depois de certo tempo, como livramentos e necessárias na reestruturação do nosso eu.